

REVISTA *LEIA LIVROS*: A RESENHA LITERÁRIA

Marisis K. Chaudon

Entendendo os periódicos como um lugar privilegiado de circulação do discurso da crítica literária, mais do que o livro, até aqui foi feita a pesquisa e indexação dos 11 primeiros números da revista *Leia Livros*, no âmbito do projeto integrado “Poéticas Contemporâneas II”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo, e desenvolvido no Núcleo de Estudos Literários e Culturais, NELIC, da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1996, objetivando a formação de um banco de dados composto por informações pesquisadas em periódicos literários e culturais dos anos 60 aos 90.

O jornal *Leia Livros*, publicado pela editora do mesmo nome entrou em circulação em abril de 1978. No formato tablóide, com periodicidade mensal, tinha como editor Caio Graco Prado, também proprietário da Livraria e Editora Brasiliense.

Vale lembrar o comentário de Flávio Aguiar, no livro *A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70*, acerca do periódico e de seu editor Caio Graco Prado:

"Caio tinha um patrimônio editorial bastante razoável, cujo carro-chefe era, entre outros, a coleção infantil de Monteiro Lobato. Esta folga permitiu-lhe, a partir de 1978, formular seu projeto de um periódico que resenhasse de modo sistemático o mundo editorial brasileiro. Durante muitos anos penso que *Leia Livros* - o periódico - foi nosso principal órgão de crítica literária sistemática.

Navegávamos pela anistia e pela vaga promessa de fim do regime ditatorial; mais alguns momentos e chegaríamos à campanha pelas diretas. O regime não caiu, se esvaziou: saiu pelo ralo, em troca de pactos dominantes de expressão mais tradicional e acadêmica, a longo prazo. A moldura de referência de *Leia Livros* é esse momento de esvaziamento de um regime e

preparação de outro. (...) Acho que de alguma forma o jornal realizou uma aspiração sua de ajudar a moldar um momento histórico numa expressão duradoura e de estar presente à deflagração de um processo em que fizessem sentido a liberdade e a esperança.” (AGUIAR, Flávio. *A Palavra no Purgatório: literatura e cultura nos anos 70*. São Paulo: Editorial Boitempo, 1997. p.15/16.)

No ano em que *Leia Livros* entrou em circulação, o AI-5 foi revogado, levando ao fim da censura prévia e ao alívio da censura.

Como visto anteriormente, o periódico tinha como editor Caio Graco Prado, também proprietário da Livraria e Editora Brasiliense e estava aberto sem restrições para o mercado editorial brasileiro.

Na página 2, contracapa, o jornal trazia dois editoriais, o principal assinado por Caio Graco Prado e a coluna *Bilhete*, assinada por Cláudio Abramo, secretário geral do periódico. No número 00, de lançamento, Caio Graco declarava que o jornal seria o reflexo da parcialidade consciente de todos, dizendo:

“A imparcialidade é um mito de que se alimentam aqueles que temem ter seus atos e decisões contestados ao nível da paixão. Os partidários enfim daquela senhora cegada e ameaçadora [a justiça] ou aqueles que desejam que a humanidade se limite a exercer a santa virtude da discrição só vendo, falando e ouvindo aquelas coisas que podem ser vistas, faladas e ouvidas sem qualquer consequência maior que não a de simples passatempo. Com consciência, com ‘parcialidade’ estão autorizados a falar, ver e ouvir somente aqueles que são para isso investidos.

Tenho consciência de minha parcialidade e a exerço permanentemente no sentido que me pareça mais interessante.

Esse jornal será, portanto, o reflexo da parcialidade consciente de todos nós.” (PRADO, Caio Graco. A parcialidade consciente. *Jornal Leia Livros*, São Paulo, n. 00, p. 02, abr/mai., 1978.)

O secretário geral Cláudio Abramo em seu “Bilhete” do n. 02 esclarecia os objetivos do periódico, informando que o mesmo havia sido concebido com a intenção de transmitir conhecimento, provocar discussão, estimular o exercício da inteligência, destacando que o jornal não era produto de uma superestrutura dirigida a uma elite, sendo destinado a todos, tentando assim um discurso inteligível.

A partir do número 3, o periódico passou a ter ao lado do título, na capa, a vinheta “todos os livros e discos lançados no mês”. Caio Graco justificava a seção de discos num periódico voltado para o mundo editorial da seguinte maneira:

“Tenho certeza que com o tempo a relação de discos publicados no mês superará em popularidade a dos livros, mas o olho escorregará, de vez em quando, para a seção não planejada e em alguns casos um título, ou um tema, fará com que um escutador de tempo integral passe a leitor de vez em quando”. (PRADO, Caio Graco. Livros e discos. *Jornal Leia Livros*, São Paulo, n. 03, p. 02, jul/ago., 1978.)

No “Bilhete” do n. 11, de março de 1979, Cláudio Abramo criticava a comunidade acadêmica brasileira e os escritores nacionais, ao comentar as mudanças realizadas no jornal ao longo de seu primeiro ano de circulação:

“Nossa intenção inicial era fazer um jornal essencialmente escrito por membros da ‘intelligentsia’ nacional, sobre livros nacionais; mas o primeiro projeto foi abandonado por causa de uma certa tendência de que está possuída a comunidade acadêmica nativa de escrever não sem alguma dificuldade, empregando quase sempre um vocabulário propositadamente complicado para dizer coisas simples. Da mesma forma, tivemos que rever a idéia de encontrar artigos sobre

literatura brasileira, que se mostrou tão escassamente assídua neste último ano. Pois com exceção dos escritores com fama garantida, a maioria dos escritores locais pena na travessia, soluça na máquina, tropeça na entrelinha.” (ABRAMO, Cláudio. Bilhete. *Jornal Leia Livros*, São Paulo, n. 11, p. 02, mar/abr., 1979.)

Ele acrescentava que o jornal não pretendia ser mais do que um termômetro do que era publicado no país, o que acabou levando à primazia, segundo ele, dos livros sobre política, sociologia e atualidade sobre o resto da área editorial, nas resenhas publicadas. Explicava ainda o desaparecimento da seção de discos, que não pode ser mantida por falta de anunciantes.

Portanto, a partir do número 11, *Leia Livros* passou a resenhar e comentar unicamente livros. E até o número em questão, havia catalogado 542 títulos, dos quais 351 lançamentos.

Neste ponto da indexação do periódico em questão, fica claro que a principal intenção do mesmo era a divulgação e crítica de livros, com a predominância de resenhas (53,8%), sem a preocupação com critérios de valor na seleção dos mesmos. Resenhava-se do livro didático para o 1o. Grau aos ensaios de geopolítica, da literatura brasileira aos best-sellers de Sidney Sheldon e Harold Robins.

O formato da revista se manteve basicamente o mesmo ao longo do tempo. A capa, além da vinheta ao lado do título até o número 10, trazia sempre a chamada dos principais artigos que seriam apresentados, e uma cor além do preto. O número de páginas variava entre 20 e 30.

Entre os autores colaboradores que aparecem com mais frequência, se destacam o editor Caio Graco Prado, Cláudio Abramo, Rodolfo Konder, Tárik de Souza, Décio Pignatari, Haroldo de Campos; e entre os autores citados mais recorrentes encontram-se Gramsci, Fernando Henrique Cardoso (então senador e intelectual), Jorge Amado, Antônio Cândido, Bertold Brecht, John Cage, Dostoiévski, Marcel Duchamp. O periódico contava ainda com correspondentes internacionais em Washington, Londres, Paris, Roma, Madrid, Buenos Aires, Tel Aviv.

Caio Graco em seus editoriais, demonstrava uma preocupação constante com o mercado editorial brasileiro. Segundo ele, no Brasil, um círculo vicioso havia sido criado: edições caras por serem pequenas e pequenas por falta de um público que não lê porque são caras, não se criando assim o hábito de leitura no país. Ele era um apaixonado por livros e ressalta o fato em sua defesa do mesmo:

“Sou radical na defesa do livro porque além de editor, livreiro e bem recentemente jornalista, acredito também na palavra escrita como o dado cultural mais importante depois da falada. Seu poder de influência é tão grande que apenas para justificar minha preferência pelo livro sobre o disco lembro que não há notícia de censura prévia nas gravadoras a não ser para a letra dos poetas.” (PRADO, Caio Graco. Livros e discos. *Jornal Leia Livros*, São Paulo, n. 03, p. 02, jul/ago., 1978.)